

## História Económica e Empresarial

2019-2020

### Aula Teórica 19

Ontem, hoje... E amanhã? : desenvolvimento no século XXI

- Medir o crescimento
- Equilíbrios e desequilíbrios do crescimento económico

1

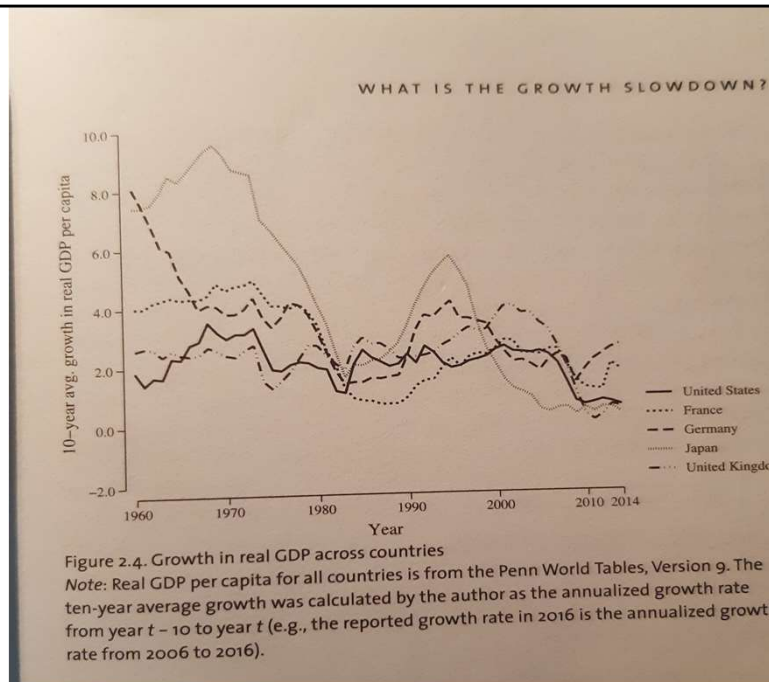
Esta aula procura fazer uma avaliação, um balanço, da utilização do conceito de crescimento económico moderno para compreender os desafios do século XXI, como sendo decorrentes de :

Possível inversão da tendência (Fase B) do K5; e de aspetos estruturais do CEM : diferenças de ritmos de crescimento entre países e de um mesmo país em diferentes etapas do processo de transformação estrutural; diferenças nos níveis de rendimento à escala da economia mundial; desafios da tecnologia utilizada para a sustentabilidade do crescimento.

No final desta avaliação, poderemos questionar se CEM ainda será a época económica que viveremos na segunda metade do século XXI.

Vollrath, D. (2020)  
Fully Grown. Why  
A stagnant economy is  
a sign of success

Chicago Press,  
Chicago,



<https://www.bing.com/videos/search?q=john+mayer+keynes&ru=%2fvideos%2fsearch%3fq%3djohn%2bmayer%2bkeynes%26%26FORM%3dVDDVXX&view=detail&mid=08259388DB11884B212A08259388DB11884B212A&rvmid=83BED2E81A71E925630C83BED2E81A71E925630C&FORM=VDMCNR> -

Crescimento moderno, aprendemos nesta UC, é uma alteração sustentada de estrutura das economias que transformou sociedades agrárias em economias maioritariamente produtoras de serviços (terciarização) .

Essa transformação reflete-se na taxa de variação do PIB p.c, e deveu-se a ganhos sustentados de produtividade.

A época de ouro do crescimento económico, assim chamado o boom económico do após II Guerra até 1971, parecia indicar que era possível as economias desenvolvidas terem variações do PIB acima do que se verificara no século XIX, quando se iniciou esta época económica. Nesta UC aprendemos também que **redução de taxas de crescimento não significa uma redução da atividade económica.**

Todavia, o que este gráfico mostra uma característica do crescimento dos países desenvolvidos : desaceleração como consequência de terciarização – menores ganhos de produtividade neste setor, ou produtividade mais complexa de medir.

No gráfico está evidente que a década de 1970 (Fase B do 4º K) encetou uma época de desaceleração do ritmo de crescimento. Mostra ainda que a fase A do 5º K significou novamente um aumento das taxas mas parece que essa fase positiva foi menos prolongada que as fases A de outros Kondratiev anteriores.

Com efeito a segunda globalização e a expansão económica que se deteta no gráfico nos

anos 90 é quebrada com um acontecimento **no ano de 2008**. (Um novo crash financeiro no mundo, o que na Europa teve agravamento com as crises da dívida de alguns dos estados europeus, como foi Grécia, Portugal e Espanha.)

O link que vos disponibilizamos pretende dar-vos uma visão desta crise como tendo vários pontos comuns, pontos determinantes, com a crise de 1929. No seu visionamento, e a propósito de 2008 aprendemos mais sobre o que as sociedades contemporâneas podem esperar da intervenção do Estado em situações de crise do capitalismo.

A crise de 2008 teve uma génese semelhante à de 1929, mas os seus impactos sociais foram muito menores, graças ao facto de as gerações contemporâneas serem herdeiras de um conhecimento acumulado na “ciência económica” sobre economia pública. Deste particular aspeto do CEM, que atende ao papel das instituições políticas na vida económica, temos uma aula prática sobre o Texto 6 que explorará aspetos abordados neste vídeo.

Na aula de hoje, enveredamos por um balanço do CEM e reflexões sobre o século XXI. Começamos por perguntar se esta desaceleração dos países mais desenvolvidos foi simultâneo ao crescimento mais acelerado de outros países, permitindo pensar no século XXI como uma etapa decisiva de convergência económica, devido a recuperação do atraso/ catching up dos países que menos cresceram no século XXI – outro conceito que aprendemos nesta UC (recuperação do atraso – convergência e condições de catching up)

Vollrath, D.  
(2020)  
Fully Grown.  
Why  
A stagnant  
economy is  
A sign of  
success

Chicago Press,  
Chicago,

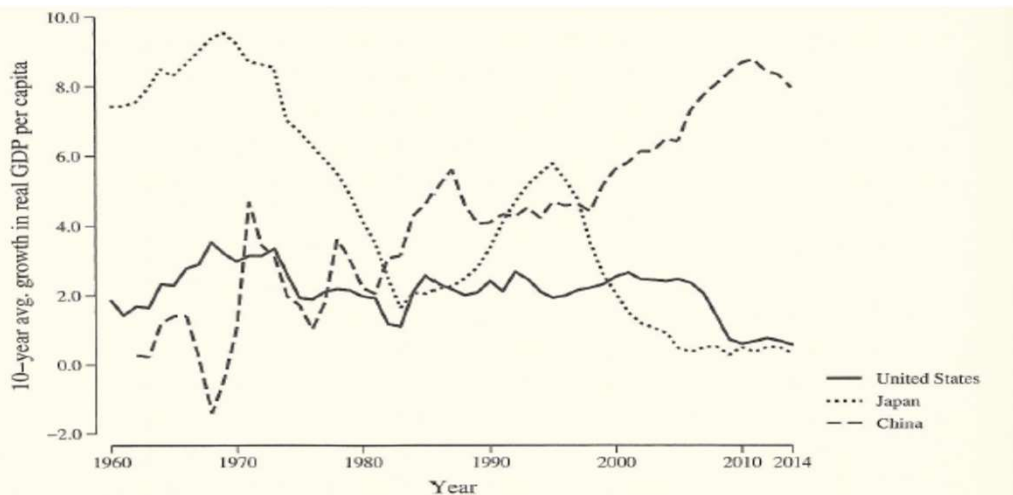
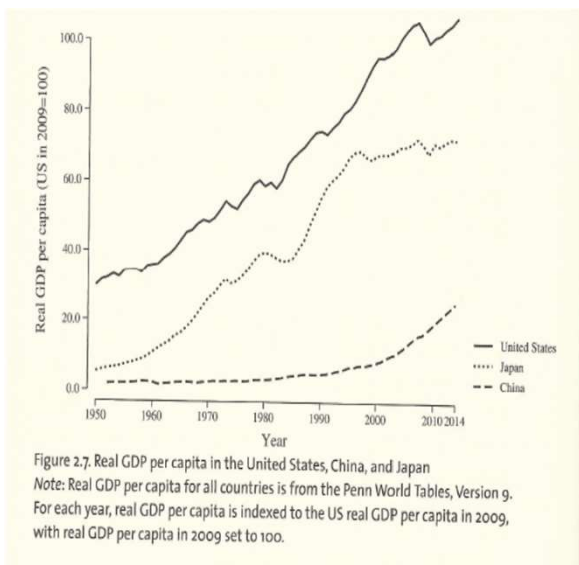


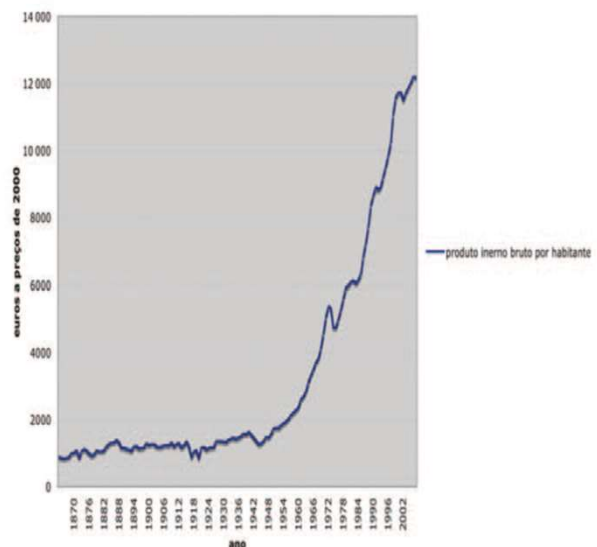
Figure 2.5. Growth in real GDP in the United States, China, and Japan  
Note: Real GDP per capita for all countries is from the Penn World Tables, Version 9.  
The ten-year average growth was calculated by the author as the annualized growth rate from year  $t - 10$  to year  $t$  (e.g., the reported growth rate in 2016 is the annualized growth rate from 2006 to 2016).

Conforme vemos neste gráfico:

A resposta à questão é afirmativa: este período corresponde a uma fase de crescimento muito acelerado de alguns casos nacionais como seja a China. O que este gráfico sugere é um processo de convergência, medida simplesmente por um indicador agregado (taxas de variação do PIB real p.c.), que revela a superior rapidez do crescimento da China.



Vollrath, D. (2020), Fully Grown. Why a stagnant economy is a sign of success, Chicago Press, Chicago.



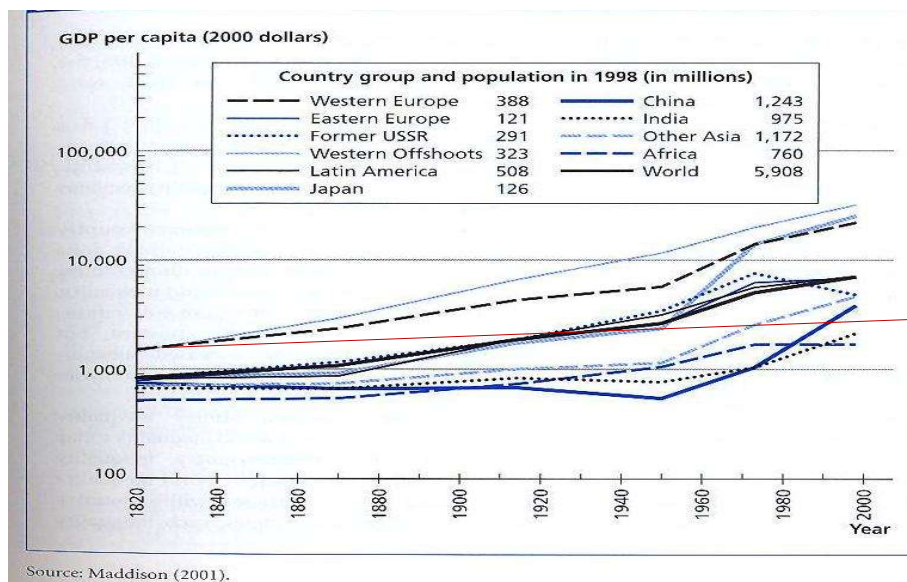
Nunes e Valério, p.47

Todavia, se observarmos em termos absolutos o PIB p.c. de cada um destes países, podemos compreender os custos sociais elevados que comporta um atraso extremo na entrada do CEM.

O caso da esquerda: veja-se o que significaram décadas de crescimento a taxas superiores aos EUA para a recuperação do atraso. No caso da direita, veja-se como é marcante a mudança de ritmo de crescimento com a entrada no CEM – agora o exemplo de Portugal – e em 2018, o PIB pc Portugal é de cerca de 33,415 e o dos EUA é 62,795 dólares (dados do Banco Mundial em dólares internacionais, no ano de 2018).

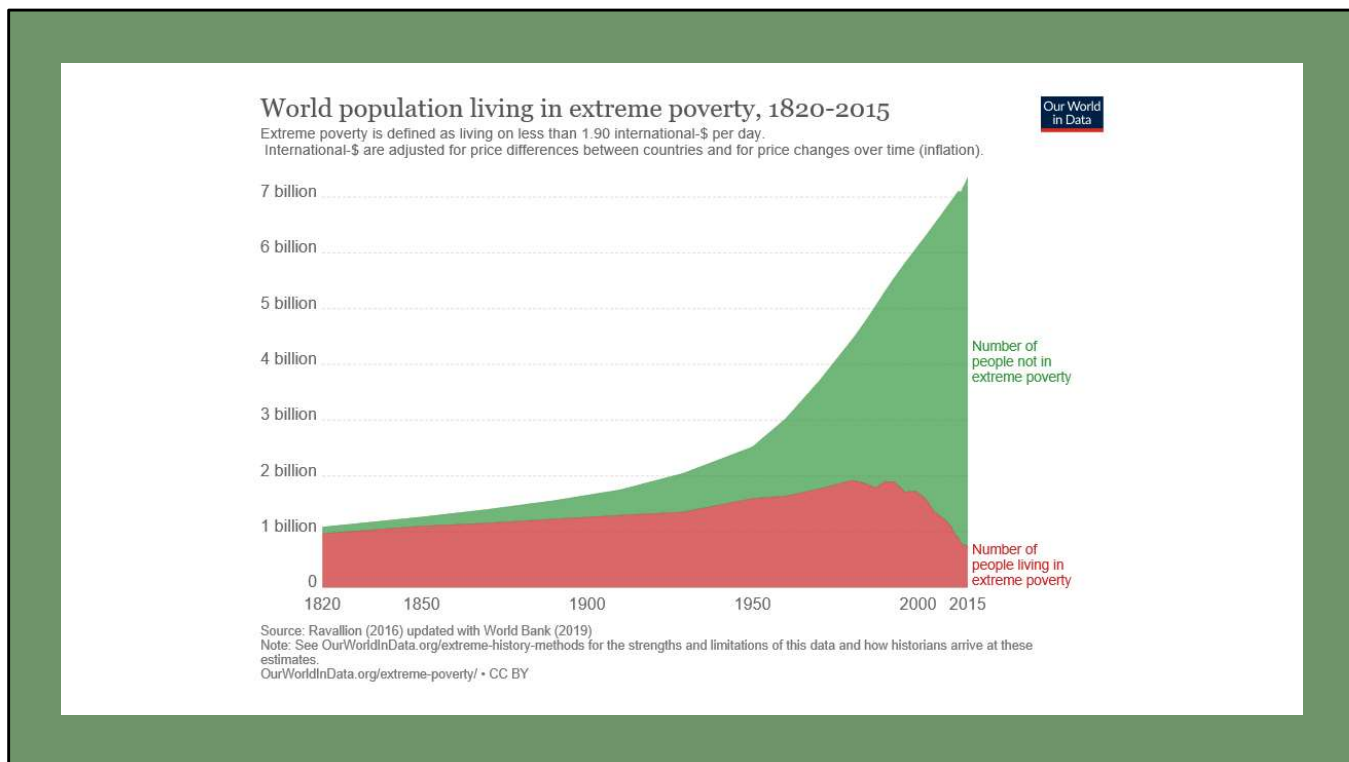
Se virmos de mais perto, o atraso significa :

níveis de desigualdade crescentes na distribuição do rendimento a nível mundial



O crescimento do PIB p.c na longa duração tem sido comum a todas as áreas do mundo, verificando-se uma tendência positiva, mas é a diferença de ritmo que mantém a dispersão na distribuição do rendimento. Note-se que essa dispersão era muito menor em 1820 e veja-se, ainda, que há regiões do mundo cujo nível de PIB p. c no ano 2000 ainda não atingiu o nível do PIB pc da Europa Ocidental em 1820 (linha vermelha no gráfico).

Historicamente isto significa que há maior desigualdade no rendimento no mundo, ainda que haja um resultado efetivo na redução da percentagem da população mundial em estado de pobreza extrema.



Verifica-se ainda uma perspectiva otimista na entrada do século XXI, quanto à eficácia da redução da pobreza extrema (1 dólar dia), sendo essa redução em termos absolutos e não apenas proporcionais desde 2008 em diante.

Por isso, as organizações internacionais têm colocado o problema de forma diferente, porque a redução de pobreza extrema é um objetivo muito limitado para o desenvolvimento- seria obviamente necessário mas não suficiente.



Chade



EUA

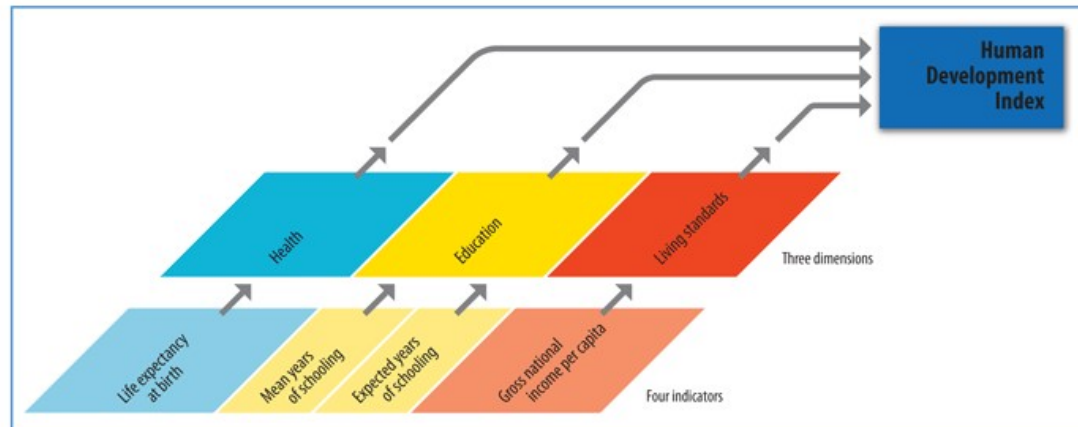
Peter Menzel, from the book, "Hungry Planet: What the World Eats."

Os rostos da desigualdade: desigualdade em termos de calorias consumidas per capita põe em evidencia que há uma parte significativa da população mundial que não tem condições de vida que asseguram a dignidade humana. Portanto a distribuição desigual do rendimento mundial repercute-se em condições de vida que o índice de desenvolvimento humano procura captar através de 4 indicadores, considerado uma dimensão mais complexa de que o problema de crescimento deve ser um problema de desenvolvimento e melhoria de condições de vida – elaborando o Índice de Desenvolvimento Humano.



## Components of the Human Development Index

The HDI—three dimensions and four indicators



Note: The indicators presented in this figure follow the new methodology, as defined in box 1.2.

Source: HDRO.

O que é Índice de Desenvolvimento Humano? A história que narra será inteiramente coincidente com a história contada através do conceito de CEM?

Veja-se que o índice contém necessariamente a componente económica. Portanto, variações do PIB seguramente afetam as variações do Índice de Desenvolvimento Humano. Além disso, este indicador compreende a escolaridade como condição para educação e esperança média de vida como indicador de saúde.

Desenvolvimento tem três dimensões; níveis de vida, educação e saúde.

Na história do CEM é inevitável que a evolução de cada um destes três indicadores afeta a evolução dos restantes componentes.

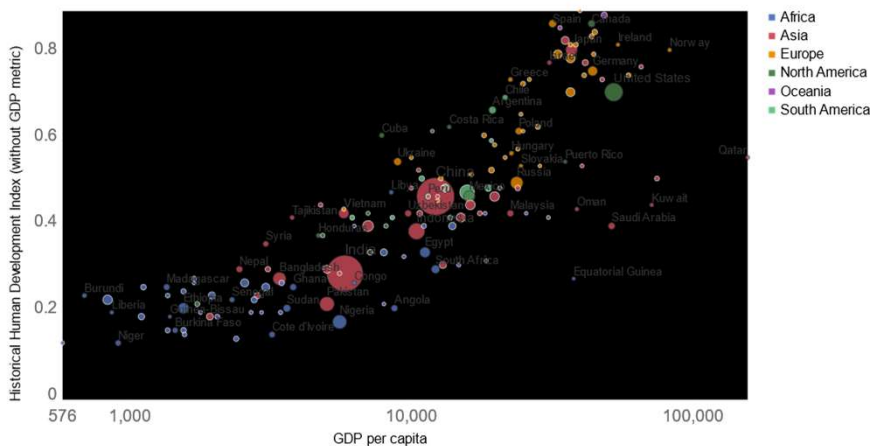
Por isso, em muitos estudos com perspectiva de longa duração, o PIB p.c foi tomado como um indicador pertinente de desenvolvimento, ainda que saibamos que a evolução da educação e saúdes tem uma relação de causalidade inversa (ou endógena) com o crescimento económico.

De qualquer forma poderemos ter um retrato um pouco diferente do mundo pegando na evolução do Índice de Desenvolvimento Humano?

### Historical Index of Human Development (without GDP metric) vs. GDP per capita, 2015



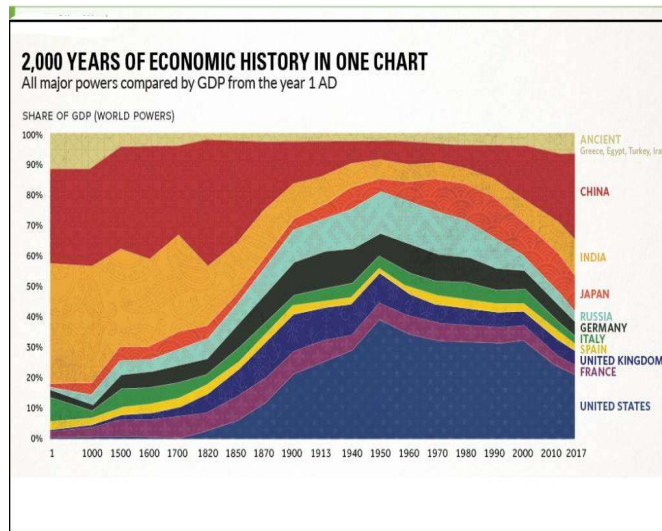
The Historical Index of Human Development (HIHD) is a summary measure of average achievement in key dimensions of human development: it represents an index of life expectancy, literacy rates, educational enrolment, and per capita gross domestic product (GDP). The HIHD variable below has had this GDP metric removed. Here it is measured against GDP per capita.



Source: Prados de la Escosura; Maddison Project Database (2018)

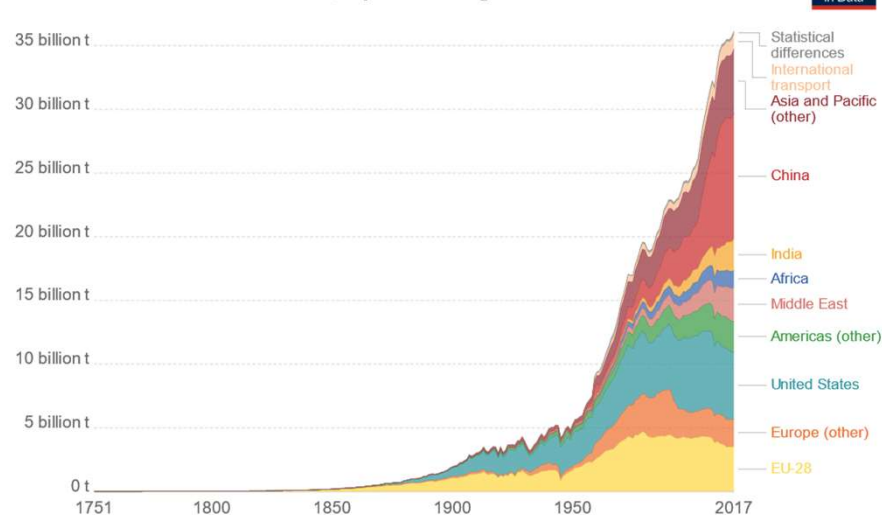
CC BY

Mapeando o Índice Desenvolvimento Humano sem a componente do PIB percebemos que há uma forte correlação entre os restantes indicadores do desenvolvimento e o PIB p.c. O essencial a reter é que continuam a estar no canto interior esquerdo as regiões de África e no canto superior direito a Europa e o América do Norte. Isto é, a carta do desenvolvimento humano não é substancialmente diferente da carta do crescimento económico.



Em síntese, nos escassos ultimo 2000 anos da história da Humanidade, (se é possível ter alguma confiança na reconstituição histórica de indicadores agregados como o PIB) podemos supor que a tendência esperada no século XXI é para o mundo devolver o “espaço” ao mundo asiático , num universo em que o bolo continua a crescer- a devolução deste espaço não significa um jogo de soma nula. Todavia, esse processo tem externalidades que o mundo também questiona como sendo de ponderar – custos e benefícios nos efeitos ambientais.

Annual total CO<sub>2</sub> emissions, by world region



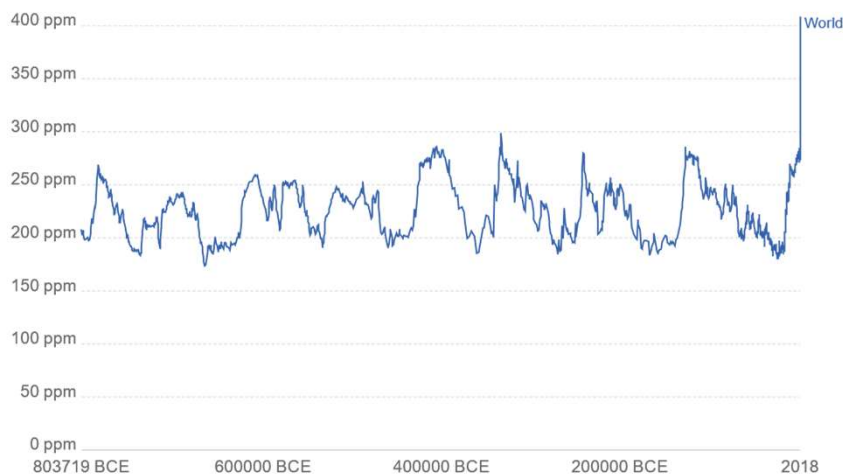
Source: Carbon Dioxide Information Analysis Center (CDIAC); Global Carbon Project (GCP)  
Note: The difference between the global estimate and the sum of national totals is labeled "Statistical differences".  
OurWorldInData.org/co2-and-other-greenhouse-gas-emissions • CC BY

A emissão de gases de estufa – Dióxido de Carbono (CO<sub>2</sub>), óxido nítrico, metano, – tem tido uma esta escala de progressão muito superior desde o último quartel do século XX e por isso se comprova cientificamente que há uma causa tecnológica no aumento da temperatura média em 1°C desde o começo do CEM.

## Atmospheric CO<sub>2</sub> concentration

Global average long-term atmospheric concentration of carbon dioxide (CO<sub>2</sub>), measured in parts per million (ppm). Long-term trends in CO<sub>2</sub> concentrations can be measured at high-resolution using preserved air samples from ice cores.

Our World  
in Data



Source: EPICA Dome C CO<sub>2</sub> record (2015) & NOAA (2018)  
OurWorldInData.org/co2-and-other-greenhouse-gas-emissions • CC BY

Neste gráfico está representada a média de concentração de CO<sub>2</sub> na atmosfera desde há 800.000 anos .

Neste período de tempo tem havido ciclos e flutuação de concentração que nada tem a ver com a ação humana. Coincidem com idades de gelo e idades de maior aquecimento ou idades interglaciares com maior concentração e Co<sub>2</sub>. Estas flutuações periódicas são causadas por alteração na órbita terrestre chamadas ciclos de Milankovitch.

A escala de medição: “partes por milhão”. Em 1979 que os estudos sobre CO<sub>2</sub> iniciaram-se , as concentrações do CO<sub>2</sub> eram então de 336 partes por milhão – ppm. Em janeiro de 2016 atingiam 403 ppm. Estima-se que as concentrações pré-industriais fossem de 278 ppm.

## Desenvolvimento Sustentável – algumas milestones



- 1983 – a ONU cria a Comissão Mundial para o Ambiente e Desenvolvimento
- 1987 – “*Our Common Future*” e a Comissão de Brundtland
- “*É a forma como as atuais gerações satisfazem as suas necessidades sem, no entanto, comprometer a capacidade de gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades*”

*“Na sua essência, o desenvolvimento sustentável é um processo de mudança no qual a exploração dos recursos, o direcionamento dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional estão em harmonia e reforçam o atual e futuro potencial para satisfazer as aspirações e necessidades humanas”.*

*(WCSD, 1987)*

- *Earth Summit – Conferência do Rio (1992)*

13

Na reflexão sobre o tema é possível questionar em que medida apenas com o crescimento económico houve impactos ambientais da ação humana.

Sabemos que há pontualmente efeitos ambientais da atividade económica em diferentes épocas e por diferentes fatores.

Veja-se por exemplo, que o domínio da agricultura representou alterações genéticas nos cereais, ao ponto de ser impossível encontrar hoje no mundo uma espécie de milho, trigo, arroz ou cevada, feijão exatamente como existiriam estas plantas no planeta há 15.000 anos (a agricultura foi introduzida por volta do 10000 anos a. C).

O risco da extinção do ADN de muitos dos cereais que comemos incentivou a criação de bancos de sementes dispersos por todo o mundo – uma efetiva iniciativa de cooperação entre estados.

Veja-se que faz parte do repositório de plantas em todo o mundo, espécies originais e exclusivamente da América do sul até 1500, e que viajaram por todo o globo a partir daí: tomate, pimento, batata, feijão e, essencial, o milho.

A perceção dos riscos que a nossa civilização pode colocar ao ambiente são diversificados, mas justificam uma iniciativa da fundação Bill Gates, no Ártico.:

(ver link)

<https://www.croptrust.org/our-work/svalbard-global-seed-vault/>

“Conhecido como a nova Arca de Noé, o Banco Mundial de Sementes situa-se nas ilhas de Svalbard, no Ártico e faz parte do território norueguês. Uma década após a sua inauguração, vai ser alvo de melhorias devido **aos danos provocados pelo degelo do Ártico** nos últimos anos.

Trata-se de um cofre construído numa mina de carvão abandonada, a 150 metros de profundidade da montanha, e alberga em segurança sementes e plantas de todo o mundo para fazer frente a uma eventual catástrofe natural ou uma guerra nuclear”

Mas o problema que estes bancos de sementes procuram enfrentar é também decorrente da forma como a nossa tecnologia explora ou sobre explora recursos comuns com impactos no aquecimento global e conseqüentemente, os riscos que coloca à própria acumulação de alimentos em bancos de dados, de que é exemplo a notícia sobre o banco de Sementes nas ilhas Svalbard – a carecerem de melhorias no seu isolamento por degelo no Ártico.

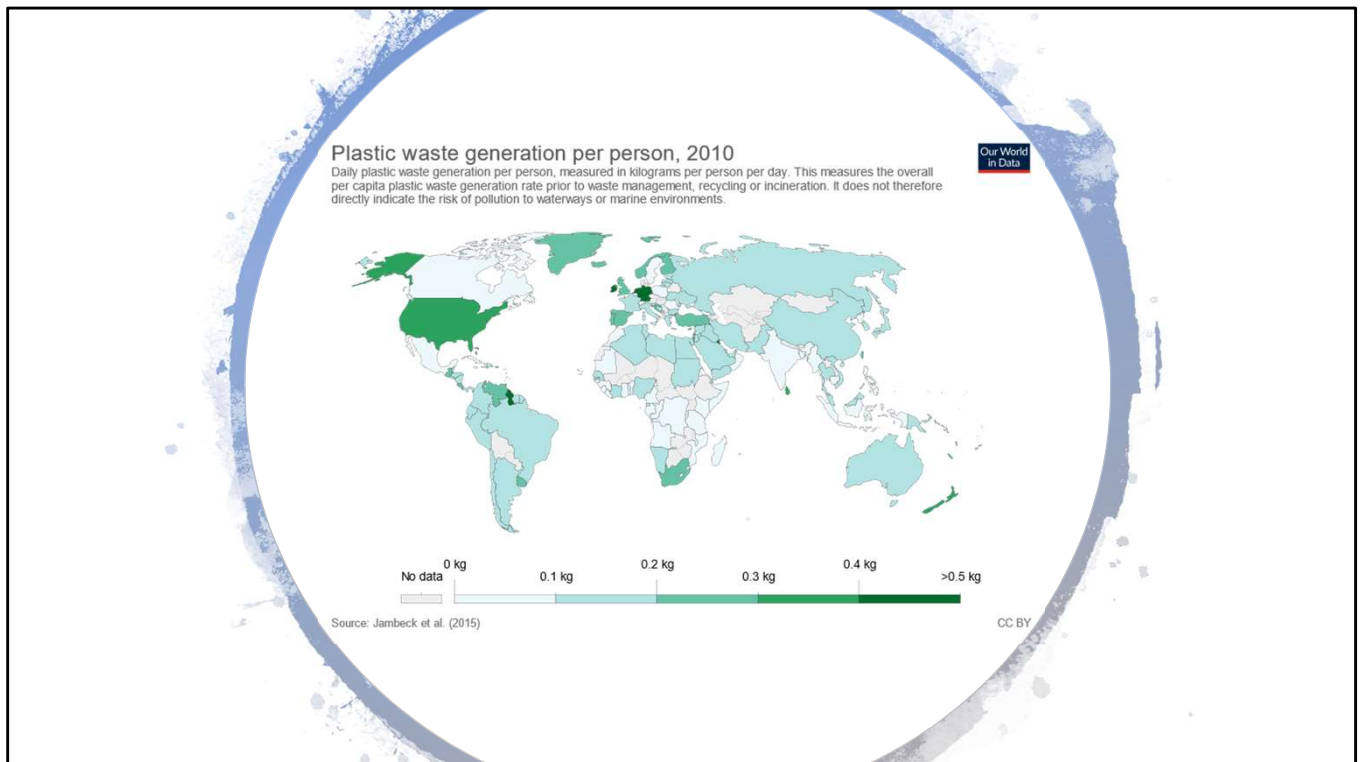
O planeta é um bem público que se confronta com o mesmo problema do provimento de qualquer bem publico.

Neste aspeto, as instituições contam e não é possível pensar em arranjos institucionais, mesmo que supra nacionais, sem contar com a agenciamento de governos.

Para que esses governos sejam agentes numa ação coletiva, todas as instituições tem de ser envolvidas neste processo, e é essencial a participação cívica , seja por ação de cada um de nós, seja por formas mais interventivas – com escala de ação superior - como sejam ONGs e sua capacidade de influenciar as decisões publicas.

É nessa abordagem que a ciência económica tem reconhecido que instituições políticas são uma campo de análise económica, pois as formas de representação – democracia versus governos não democráticos – pode fazer a diferença no futuro da gestão de recursos comuns.

Deixamos aqui a fotografia do planeta e o nosso contributo para a sua delapidação através de um indicador: produção em lixo de plástico.



O boom da indústria de plástico deu-se a partir de 1950, ainda que se conheça e se produza plástico desde 1907. Mas nos últimos 65 anos, a produção anual de plástico aumentou 200 vezes. Vale reconhecer que dentro da Europa a Península Ibérica estava entre os segundos maiores produtores deste lixo ambiental. Em 2010.



## Agenda 2030 e os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável

- Adotados pela quase totalidade dos países do mundo, no contexto das Nações Unidas.
- Definem as prioridades e aspirações do desenvolvimento sustentável global para 2030 e procuram mobilizar esforços globais à volta de um conjunto de objetivos e metas comuns.
- 5 pilares : Pessoas, Planeta, Prosperidade , Paz e Parcerias
- 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas complementares.
- Interligados e globais => aplicados universalmente, partilhando-se a responsabilidade pelo seu alcance por todos os países (e não apenas nos países em desenvolvimento), o que traduz uma evolução face aos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (2000-2015).
- Programas e ações a serem desenvolvidos pelos países membros da Organização das Nações Unidas (ONU), no período de 2016 a 2030.

15

A consciência global de que os desafios são globais orienta a chamadas agendas das Nações Unidas. A de 2030 vê o desenvolvimento como um processo de diversificadas componentes, que passam pela demografia, ambiente, níveis de vida e condições de trabalho, ordem política mundial e formas de coordenar os setores público e privado (parcerias) na desenvolvimento.

Note-se, como sublinha no slide, a diferença da atual agenda relativamente às anteriores agendas : a recomendação de que os países que se modernizam no século XXI participem destes objetivos e que os custos ambientais do desenvolvimento não sejam estritamente equacionados como um problemas dos países que entraram no CEM primeiro (os velhos países industrializados)

## Desafios globais

- Biodiversidade
- Clima
- Poluição
- Água e Oceanos
- Solo

## SOLUÇÕES

Novos Quadros  
Institucionais  
(nacionais e  
internacionais)

Mercado e Empresas

Inovação

Soluções  
comunitárias

Decrescimento?

16

Por fim , fica a questão:

Será a solução do futuro que toda as economias reduzam o seu ritmo de crescimento? E os países que ainda não entraram no CEM? Podem os países desenvolvidos assegurar a transferência de tecnologia menos poluente para garantir processos de catching up “amigos do ambiente”? E será esse desafio compatível com sucessivas crises que o mundo capitalista tem enfrentado desde 2008?

Estaremos a ver o fim desta época económica que aprendemos a conhecer nesta UC como CEM? Ou o que nos “salvará” de delapidar o planeta é e continuará a ser tecnologia – conhecimento acumulado e aplicado à economia e à sociedade? Não é essa a essência básica do CEM?

**Bibliografia obrigatória de apoio a esta aula**

- Ana Bela Nunes, Nuno Valério. *História Económica e Empresarial*. Lisboa: Presença, 2015 — caixa 8.4. (pag. 196)

**A partir desta aula e da bibliografia obrigatória indicada os alunos deverão ser capazes de:**

Identificar os principais problemas e desafios do K5- limites do crescimento económico (desigualdades na distribuição do produto e esgotamento dos recursos)

A mediação do nível de vida com base no IDH – justificação deste indicador por alternativa ao PIB

Saber diferenciar o crescimento económico sustentado do desenvolvimento sustentável